



VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e Criação na Infância**. Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICO-CULTURAIS SOBRE IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO

Pablo Mateus dos Santos Jacinto¹
Universidade Federal da Bahia
(pablojacintopsi@gmail.com)

É seguro afirmar que, na interlocução com profissionais da psicologia e/ou da educação, Vigotski é um teórico que dispensa apresentação. De origem russa, é a principal base para a abordagem histórico-cultural, e ganhou destaque ao demonstrar de maneira peculiar as relações entre desenvolvimento humano e vivência social. Entretanto, muito do conteúdo desse autor que chegou ao Brasil posteriormente foi questionado no quesito tradução. Grande parte do material que se difundiu é originário de retraduições especialmente do inglês, e mesmo aquele traduzido do russo por vezes consta com escolhas de linguagem não equivalentes às palavras originais do autor.

É nesse quesito que a obra “Imaginação e Criação na Infância”, assinada por Lev Vigotski e traduzido por Zoia Prestes e Elizabeth Tunes ganha maior destaque. O cuidado com a tradução, a preservação da originalidade – muitas vezes em detrimento de uma boa escrita – e a implicação das tradutoras em irem à Rússia para se aproximar da cultura local e da rede de contatos familiar e científica preservada, remontando a origem do autor, fazem toda a diferença no material final.

O livro é composto de oito capítulos teóricos, além do prefácio. Embora não sejam divididos em partes explicitamente, sua organização revela dois momentos. No primeiro, que se estende do primeiro ao quinto capítulo, há uma discussão de ciência básica voltada ao processo da imaginação e suas nuances teóricas. No segundo momento, englobando os três capítulos finais, o autor traz uma abordagem aplicada dos conceitos trabalhados, tendo como ênfase a atividade escolar e educacional.

O primeiro capítulo é intitulado “Criação e Imaginação”. Nesse capítulo, o autor delimita o que entende por criação, ao diferenciar as atividades humanas entre reprodutoras e criadoras. Associando a imaginação à criação, desmistifica o senso comum e de parte da comunidade científica que compreende a imaginação como prática fantasiosa, ligada ao irreal. Anuncia que os elementos imaginados não só são baseados em fatos reais, como eles próprios são matérias-primas para a concretização de objetos da realidade.

¹ Graduado em Psicologia (UNEB), especialista em Educação a Distância (UNEB), mestre e doutorando em Psicologia (UFBA). Docente do Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE).



No segundo capítulo, “Imaginação e Realidade”, o autor evidencia as relações entre esses elementos. Partindo da linha anterior, se aprofunda na desvinculação da concepção de imaginação como processo irreal e desvinculado do mundo concreto. Nesse capítulo, Vigotski apresenta algumas leis que sintetizam seus posicionamentos teóricos. A primeira lei se refere à vinculação entre imaginação e experiência humana. Afirma que toda imaginação está respaldada em experiências acumuladas ao longo da vida, que são reorganizadas em conexões complexas, desdobrando na criação do novo. Conseqüentemente, delinea-se um ponto relevante e contrastante em relação ao senso comum e mesmo a grande parte do discurso científico sobre o desenvolvimento infantil. Sendo a imaginação respaldada na experiência de vida, Vigotski sugere que, portanto, a imaginação na criança é mais pobre do que no adulto.

A segunda lei se pauta na função das relações sociais na imaginação. De acordo com o Vigotski, é a partir da imaginação que a pessoa consegue transformar experiências de outros em uma realidade compreendida. É assim que, por exemplo, a descrição de historiadores acerca de um fato histórico toma corpo e faz sentido ao estudante que ouve.

A terceira relação apontada por Vigotski entre imaginação e realidade refere-se à relação de criação entre emoção e imaginação. Para o autor, a experiência emocional pode converter-se em criações imaginativas, e vice-versa.

Por fim, a quarta relação apontada versa sobre a criação imaginária sem origem direta na realidade, que ao ser concluída gera a materialização de uma imaginação em um objeto (físico ou não) real. É o caso das invenções, fruto de elucubrações e necessidades, mas que se revelam após realizadas e se aprimoram em evolução histórica.

O capítulo seguinte é intitulado “O mecanismo da imaginação criativa”. Nele, Vigotski apresenta o processo de imaginação criativa, descrevendo-o em algumas etapas. A primeira refere-se à dissociação, que significa a segmentação de elementos complexos e seleção de aspectos significativos das percepções internas e externas. A segunda é a modificação dos elementos selecionados. Nesse ponto, o autor dá destaque ao exagero, comum no processo imaginativo na infância, mas base do raciocínio científico. A terceira etapa é denominada “associação”. Nesta, são associados elementos dissociados e modificados. Por fim, o processo de imaginação envolve a organização sistemática das imagens criadas, formando quadros progressivamente mais complexos. De acordo com Vigotski, o ciclo da imaginação se completa quando a partir dela são criadas imagens concretas, externalizadas. O autor encerra o capítulo afirmando que o processo de criação é adaptativo, porém sua potência depende das condições materiais, históricas e sociológicas na qual a pessoa se insere.

No capítulo 4, “A imaginação da criança e do adolescente”, Vigotski retoma e aprofunda a diferença entre a imaginação no adulto e na criança. Busca delinear a variação ocorrida conforme a pessoa avança na trajetória desenvolvimental, enfatizando as experiências que geram matéria-prima externa e interna para a atividade criadora. Contrapõe-se, novamente, à concepção que



associa à criança uma capacidade imaginativa maior que ao adulto. Para o autor, a criança possui maior confiança e menor controle sobre a imaginação, o que sustenta essa percepção comum.

No capítulo 5, “Os suplícios da criação”, Vigotski alerta que a imaginação é acompanhada de um suplício. O jogo de palavras, ilustrado de modo literário, é posto para afirmar que o propósito da imaginação é gerar atividade criadora e toda criação tem um impacto no desenvolvimento, que nem sempre é um processo harmonioso.

O sexto capítulo, intitulado “A criação literária na idade escolar” é o mais extenso da obra. Nele, Vigotski descreve os desafios desenvolvimentais relacionados à linguagem oral e escrita, diferenciando-os em complexidade. O autor apresenta nesse debate uma importante reflexão:

Não é possível avaliar a competência oral ou escrita de uma criança centrando-se unicamente nessa competência, pois a tarefa posta, apesar de externa, pode comprometer a fluência das habilidades mesmo naquelas crianças que já as dominam.

Apresenta também uma discussão sobre o papel do desenho, importante ferramenta de comunicação e organização mental da criança nos anos iniciais que aos poucos é substituída pela escrita. Conclui que há três etapas da fala marcadas pela aquisição e utilização dos recursos a) oral; b) escrito; c) literário. De acordo com Vigotski, ao atingir cada etapa, a criança ou adolescente demonstra involuções em relação à etapa anterior, as quais fazem parte do processo desenvolvimental. Por exemplo, uma criança apta com a linguagem escrita escreve textos de nível equivalente ao da fala de anos anteriores. O capítulo apresenta uma extensa descrição da relação entre língua e desenvolvimento, demonstrando como a criação opera nesse quesito.

O capítulo 7 é intitulado “A criação teatral na idade escolar”. Nesse capítulo, o autor se volta a discutir a dramatização como complexa forma de criação que faz parte das atividades de toda criança. Segundo o autor,

A dramatização concretiza o ciclo da imaginação exposto no primeiro capítulo, pois a criação dramática se forma a partir do real, se reorganiza e se materializa novamente como realidade. É uma forte contribuição aos estudos sobre brincadeiras e desenvolvimento humano.

De acordo com Vigotski, o desenho é uma forma de criação que predomina na infância. O último capítulo desta obra, intitulado “O desenhar na infância”, se debruça sobre essa temática. O autor demonstra as relações entre realidade e criação expressas no ato de desenhar como, por exemplo, as representações da memória que são impressas no papel pela criança que desenha (muitas vezes levadas em consideração mais fortemente do que a observação presente). Vigotski descreve com exemplos quatro fases nas quais a criança transita quanto ao processo de desenhar, partindo de um polo esquemático a outro mais detalhado e próximo do real.



Vigotski reafirma uma série de constatações expressas anteriormente:

Há uma relação entre a realidade e a criação; a educação e os educadores devem valorizar as atividades criadoras; criação não corresponde à fantasia; a vivência social interfere na atividade criadora; apesar disso, a imaginação e a criação não são presas ao passado, mas promovem possibilidades de futuro no campo da arte e da ciência.

Embora a escrita seja originalmente do início do século XX, a atualidade nas ideias de Vigotski é inegável. Desse modo, o leitor corre o risco de fazer interpretações anacrônicas, embora sejam bem-vindas as associações entre o texto e a realidade atual. O plano de fundo socialista é expresso no conteúdo, dando pistas para uma das razões do atraso na chegada das obras da psicologia soviética no ocidente, em um século marcado por conflitos que interferiam na ciência.

Ler Vigotski é um convite ao incremento da construção crítica de uma visão de sociedade partindo da educação. Quando o autor demonstra as relações entre capacidade criadora e disponibilidade de recursos sociais e históricos, é difícil não associar à distribuição desigual de renda no Brasil e a perda constante de saberes ignorados pelos reflexos dessa desigualdade.

De linguagem acessível, mesmo aqueles que não estão acostumados com a obra de Vigotski entenderão o conteúdo posto, tornando-a uma boa introdução à perspectiva histórico cultural. Entretanto, muitos dos principais conceitos do autor não são evidenciados nesse livro, embora o leitor experiente na área consiga identificar parte da teoria implícita nas páginas.

Ademais, a escolha pela leitura desta edição tem como estímulo o cuidado com a tradução. As tradutoras alertam que a adesão à originalidade do texto pode prejudicar sua fluidez, porém a opção feita foi preservar o estilo de escrita do autor. De fato, essa preocupação se reflete em um material bem traduzido, talvez com menos prejuízos do que o preciosismo suposto pelas tradutoras, e de grande contribuição para psicólogos, educadores, estudantes dessas áreas e população geral interessada em apreender conhecimentos sobre o desenvolvimento humano.

Referência

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e Criação na Infância**. Tradução de Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

Recebido em: 13/03/2021
Aprovado em: 19/03/2021